

Maurício Waldman



O Imaginário de África na Cartografia de Guilherme Blaeu



EDITORA KOTEV
GEOCARTO - SÉRIE CARTOGRAFIA 5

O IMAGINÁRIO DE ÁFRICA NA CARTOGRAFIA DE GUILHERME BLAEU ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

No imaginário europeu, a Ásia, em especial o Oriente Médio, tradicionalmente constituía um espaço povoado por povos marcados por diferentes modulações de estranhamento, percepção esta reforçada com a expansão árabe-islâmica, que viria a incorporar a África do Norte, a partir do Século VII, aos espaços muçulmanos.

Nesta derivação, a África Negra configurava um domínio da estranheza cabal, uma vasta área que se estendia para além de um tórrido e imenso deserto, o Saara, e sobre a qual, as informações sempre foram fragmentárias e distorcidas, um distanciamento que o domínio islâmico da parte setentrional do continente viria acentuar de modo mais profundo.

Durante muito tempo, o continente só foi conhecido por intermédio de relatos fantásticos, que povoaram seu território com gigantes, homens-macacos, ogros canibais, mulheres-pássaros e humanoides aberrantes, carentes de língua, sem nariz, opistodáctilos (de dedos revirados) ou providos de cauda (*apud* PAULME, 1977: 7).

Esta identidade nebulosa da África refletiu-se num profícuo repertório de topônimos cuja indeterminação, é emblemática de uma “falta de substância” do continente no pensamento europeu.

Denominações como *Ethyopia*, *Abissinia*, *Lybia*, *Nubia*, *Zanzibar*, *Negroland*, *Cafraria*, *Sudan* e *Barbaria*, raramente repetindo a extensão ou mesmo a posição no mapa, surgem quase que ao gosto da imaginação e não raro, dizendo respeito a entidades políticas conflitantes ou dissociadas da geografia do real.

A esta imprecisão, somou-se uma pouco honorável listagem de seres oriundos de uma zoologia fabulosa, com bestas de todos os tipos convivendo com monstros antropoides, antropófagos e ictiófagos, todos transitando pela geografia do continente durante séculos.

Tais estigmas transparecem no regime de anexação simbólica imposto à África pelos mapas ocidentais, legitimando a integração desigual do que foi ratificado enquanto um polo de antinomias incompatíveis com a civilização. Com base neste pano de fundo, a análise da produção cartográfica sobre o continente pode desdobrar-se em notações sugestivas.

Analisaremos neste texto os tópicos mais representativos do mapa de África do famoso cartógrafo batavo Willem Janszoon Blaeu (1571-1638), ou Guilherme Blaeu, provavelmente natural da cidade de Alkmaar (Holanda Setentrional), autor da primeira carta a apresentar com precisão os contornos do continente (Figura 1).



FIGURA 1 - Mapa de África de Guilherme Blaeu, datado de 1644, encimado por medalhões retratando cidades africanas e por duas franjas laterais representando diferentes povos africanos no olhar do cartógrafo (Fonte: < <https://www.sanderusmaps.com/en/our-catalogue/detail/167416/old-antique-map-of-africa-by-w-blaeu> >. Acesso: 19-07-2009).

Filho de negociante, Blaeu foi criado num ambiente impregnado de relatos sobre países e povos distantes. Estudou matemática e foi aluno do célebre astrônomo dinamarquês Tycho Brahe (1546-1601), pesquisador talentoso de quem assimilou valiosas noções de confecção de mapas e globos.

Em 1633 tornou-se cartógrafo da poderosa Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais (*West-Indische Compagnie*, igualmente conhecida pelo acrônimo WIC), cargo de enorme prestígio. Sua perícia na cartografia não era menor do que seu pendor artístico, revelado em mapas finamente trabalhados.

Mas, o que nos importa são os dados do imaginário presentes nesta peça cartográfica de Blaeu. Uma nota primordial reporta ao fato de que seu mapa adota a Europa como referência para a direção Norte, um dado etnocêntrico em vista de que esta orientação, é no plano cultural e simbólico, sempre conotada da condição de superioridade.

O contorno do continente, o primeiro a ser abordado no transcorrer da expansão marítima e comercial europeia, é bastante apurado, revelador de décadas de expedições marítimas, que pespontaram e tipificaram a Era Mercantilista.

Nesta senda, a franja superior do mapa sequencia vários medalhões representando o que os europeus de antanho entendiam como principais centros urbanos e estratégicos do continente: Tanger, Ceuta, Alger, Túnis, Alexandria, Cairo, as Ilhas Canárias, Moçambique e o Forte de El Mina (São Jorge da Mina).

O fato da maioria dos sítios destacados serem portos revela que na segunda metade do Século XVI, a Europa ainda engatinhava na exploração do interior da África, mantendo quando muito, uma soberania costeira em ancoradouros esparsos e pequenas feitorias, cuja jurisdição, raramente ultrapassava os muros das fortalezas.

Todavia, é flagrante que destas nove ilustrações, seis se referem à África do Norte, naco do continente conhecido pelos ocidentais desde a Antiguidade Clássica. A África Negra está referendada em apenas dois sítios, Moçambique e El Mina, ambos consistindo em feitorias controladas pelos portugueses, dedicadas ao comércio de artigos como ouro, marfim, ébano, pimenta, cobre e desde a implantação do sistema de *plantation* nas Américas, ao tráfico negreiro.

Note-se que embora historicamente a África Negra possua vida urbana milenar, nenhuma das urbes tradicionais do continente foi representada. As cidades destacadas são aquelas que drenam as riquezas do interior e as exportam. As demais, são simplesmente ignoradas.

Nos mares, podemos identificar criaturas exóticas ou fantasiosas: peixes voadores, baleias e serpentes marinhas. No continente, aparecem aqui e acolá exemplares da megafauna e

animais tropicais: elefantes, camelos, avestruzes, leões, macacos e crocodilos. Contudo, não exatamente plotados nos seus verdadeiros *habitat*.

Os navios, que evidenciam o domínio dos oceanos, são obviamente europeus. Porém, mais ainda, numa concessão nacionalista, na maioria dos casos ostentam a bandeira dos Países Baixos (ou Províncias Unidas), terra natal de Blaeu.

O espaço continental interno revela ausência de informações precisas. Repete-se a noção ptolomaica indicando as nascentes do rio Nilo em dois lagos inexistentes, Zaire e Zaflan, plotados por Blaeu no que hoje é a África Austral.

O Oceano Atlântico restringe-se às plagas localizadas ao Norte do arquipélago de Cabo Verde, designado no mapa como “Oceano Etíope” quando banha a África Negra, que por sinal, reúne boa parte dos seres marinhos desenhados no mapa (logo sinonimizando esta parte do continente à “natureza”).

Continente adentro, ora pontificam topônimos de Estados com inserção real na geografia histórica autóctone (reinos da Abissínia, Congo, Benin e Monomotapa, todavia abarcando territórios escancaradamente ampliados ou com fronteiras incorretas), ora reinos extintos há tempos (como o dos Garamantes, situado no antigo Fezzan), mas sobre cuja desapareição, nenhum europeu estava ciente.

Para arrematar, muitos reinos, povos e territórios são fidedignos, porém plotados em sítios distantes ou deslocados da sua localização real. Outros ainda, embora efetivos e de longa trajetória histórica, caso dos impérios tradicionais do Songhai, do Mali e do Kanem-Bornu, terminam simplesmente desconsiderados na representação cartográfica.

Estranhamente, seria meritório anotar, não há registro de vida humana no vasto *hinterland*. É como se a humanidade não existisse na África. O único ser humano representado é um cameleiro, quase certamente um mercador bérbere, referência que nos remete às plagas do Magreb³. Isto é, para além das terras ocupadas por populações negras.

Complementando a exterioridade da África, os bordos dos mapas mostram encartes com povos da região da *Costa* (Atlântico) e da *Contracosta* (Índico), referências geográficas usuais aos mapas confeccionados neste período, que reportam a uma percepção do espaço que adota como marco, as rotas transoceânicas abertas pela navegação europeia.

É notável como as ilustrações, de Norte para Sul, reforçam estereótipias que referendam o que é meridional enquanto território da barbárie. Na medida em que seguimos para o sul, os grupos adotam a nudez ou estão somente parcialmente vestidos, e para o caso do último dos medalhões da Contracosta, comem serpentes, uma alegoria icônica sobre a selvageria dos negros.

Quanto mais meridionais, os grupos representados perdem, do mesmo modo, adereços de civilização e simultaneamente, são mais escuros. Isto apesar da melanina nas populações africanas não acatar qualquer critério latitudinal.

Portanto, na eterna recordação de que o mapa não constitui exclusivamente uma imagem técnica, a peça cartográfica de Blaeu sugere o reclamo da visão crítica. Dado basilar que nos recorda a importância da dimensão da cartografia histórica na percepção dos conceitos, assim como dos preconceitos, presentes nas representações cartográficas.

BIBLIOGRAFIA

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *A Utilização dos Recursos da Cartografia Conduzida para uma África Desmistificada*. Revista Humanidades, nº. 22, Retratos da África, pp. 12-32. Brasília (DF): Editora da Universidade de Brasília (UNB). 1989;

BRETON, Roland Jules-Louis. *Geografia das Civilizações*. Série Fundamentos, nº. 60. São Paulo (SP): Editora Ática. 1990;

GIORDANI, Mário Curtis. *História da África Anterior aos Descobrimentos*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes. 1985;

LOWENTHAL, David. *Geografia, Experiência e Imaginação: Em direção a uma Epistemologia Geográfica*. In: Perspectivas da Geografia, Antônio Christofolletti (Organização), pp. 103-142. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1985;

OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário Cartográfico*. 2ª edição, Rio de Janeiro (RJ): Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1983;

PAULME-SCHAEFFNER, Denise. *As Civilizações Africanas*. Coleção Saber, nº. 110. Lisboa (Portugal): Publicações Europa-América. 1977;

UNESCO. *História Geral da África*. Brasília (DF): UNESCO, com apoio da Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do Ministério da Educação (MEC) e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 2010;

WALDMAN, Maurício. *O Mapa de África em Sala de Aula: A Persistência do Imaginário da Desqualificação e do Racismo na Cartografia Escolar de África*. África & Africanidades: Coleção Acadêmica nº 2. Ebook disponível on line em Formato PDF:

< http://www.mw.pro.br/mw/o_mapa_de_africa_em_sala_de_aula.pdf >. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018;

_____. *Imaginário, Espaço e Discriminação Racial*. In: Revista Geousp nº. 14, pp. 45-64. Universidade de São Paulo (USP): Departamento de Pós-Graduação do Depto. de Geografia da FFLCH-USP: Texto masterizado e incorporado à Série Antropologia: Coleção Temas Contemporâneos Nº. 1. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018. Disponível on line em:

< http://mw.pro.br/mw/cartografias_do_racismo_01.pdf >. Acesso em: 27-10-2018. 2018a;

_____. *Arquétipos, Fantasmagorias e Espelhos*. In: Revista Geosp nº. 23, Volume 1, pp. 44-63, 2008. Universidade de São Paulo (USP): Departamento de Pós-Graduação do Depto. de Geografia da FFLCH-USP. Texto masterizado e incorporado à Série Antropologia: Coleção Temas Contemporâneos Nº. 2. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018. Disponível *on line* em: < http://mw.pro.br/mw/cartografias_do_racismo_02.pdf >. Acesso em: 27-10-2018. 2018b;

WALDMAN, Maurício *et alli*. *Memória D'África - A Temática Africana em Sala de Aula*. São Paulo (SP): Cortez Editora. 2007.

1 O Imaginário de África na Cartografia de Guilherme Blaeu, ISBN: 1230003327951, é um texto introdutório para cursos de capacitação em cartografia e geografia, primeiramente disponibilizado na Home-Page *Geocarto - Website de Geografia e Cartografia*, vinculado ao Departamento de Geografia da FFLCH-USP, em Novembro de 2009. Em Setembro de 2018, este material foi transformado em texto de acesso livre na Internet em Formato PDF com os préstimos da **Editora Kotev (Kotev ©)**. Na nova edição em curso, o texto foi revisado e levemente ampliado, acatando as regras atualmente vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, assim como normatizações editoriais inerentes ao formato PDF. Como elemento de referência, as capas dos textos elaborados para o site Geocarto estão identificados por imagem que resulta da justaposição de duas obras do pintor holandês Johannes Vermeer: *O Astrônomo* (1668) e *O Geógrafo* (1668/69). A formatação da edição de 2018 para a Internet contou com a Assistência de Editoração, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, Contato E-mail: francesco_antonio@hotmail.com; Site: www.harddesignweb.com.br. **O Imaginário de África na Cartografia de Guilherme Blaeu** é um material gratuito. Vedada a reprodução comercial e também, divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev**. A citação de **O Imaginário de África na Cartografia de Guilherme Blaeu** deve incorporar referências ao autor e apensos editoriais conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *O Imaginário de África na Cartografia de Guilherme Blaeu*. Série Cartografia, Nº. 5. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

2 Maurício Waldman é antropólogo, jornalista, pesquisador acadêmico e professor universitário. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área ambiental e uma carreira acadêmica com contribuições no campo da antropologia, geografia, sociologia e relações internacionais. Entre os anos 1970-1990, Waldman atuou como professor de geografia e de história em escolas da rede particular da capital paulista e como Diretor da Escola e dos Cursos Profissionalizantes da Fundação Estadual do Menor (FEBEM) e do Serviço SOS Criança (1997-2000). Waldman foi colaborador do líder seringueiro Chico Mendes, Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação, São Paulo e Rio de Janeiro), em movimentos em defesa da Represa Billings no Grande ABC Paulista e em diversas entidades ecológicas, dentre as quais o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo e o Comitê de Fiscalização do Reator Nuclear do Projeto Aramar, em Iperó (SP). Waldman colaborou com diversas publicações acadêmicas de geografia e em cursos de capacitação de cartografia e uso do mapa em sala de aula para o magistério de I e II Graus na rede pública e particular de ensino em diferentes cidades do país. Fez parte da Diretoria da *Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Local São Paulo* (AGB-SP, 2003), colaborou com o site acadêmico *Geocarto - Website de Geografia e Cartografia*, do Departamento de Geografia da FFLCH-

USP (2010-2012) e durante dez anos (2004-2014), foi responsável pela disciplina *Geografia e Geopolítica da África* nos Cursos de Difusão Cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Autor de 18 livros e de mais de 700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria, Waldman é autor, dentre outras obras, de *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (Contexto, 1992), *Geografia para o Ensino Fundamental* (Editora Didática Suplegraf, 1999), *Antropologia & Meio Ambiente*, primeira obra brasileira no campo da antropologia ambiental (SENAC, 2006) e de *Lixo: Cenários e Desafios - Abordagens básicas para entender os resíduos sólidos*, obra finalista do Prêmio Nacional Jabuti de 2011 (Cortez Editora, 2010). Maurício Waldman é graduado em Sociologia (USP, 1982), licenciado em Geografia Econômica (USP, 1983), Mestre em Antropologia (USP, 1997), Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutor em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015).

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Plataforma Lattes-CNPq: http://lattes.cnpq.br/3749636915642_474

Verbete Wikipédia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Página em Academia.edu: <https://usp-br.academia.edu/Maur%C3%ADcioWaldman>

Contato Email: mw@mw.pro.br

3 De longe os europeus tinham conhecimento de que os magrebinos frequentavam as extensões ao Sul do Saara. O famoso Atlas Catalão (1375), obra da Baixa Idade Média confeccionada pelo cartógrafo judeu Jehuda Cresques, registra nesta parte da África, bem antes do Mapa de Blaeu, a imagem de um mercador berbere, que no caso, interage imagetivamente com o imperador do Mali.

CONHEÇA A SÉRIE CARTOGRAFIA



SAIBA MAIS: <http://mwtextos.com.br/serie-cartografia/>

A young woman with long, wavy brown hair, wearing a black leather jacket and a dark scarf, is looking down at her smartphone. The background is blurred, showing what appears to be a modern, possibly underground, setting with a red wall and a white structure.

EDITORA KOTEV

Sintonizada com
o Futuro Digital



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

SAIBA MAIS SOBRE A EDITORA KOTEV. ACESSE NOSSA PÁGINA: <http://kotev.com.br/>